

Apostila de Vida Cristã

“Vivência Cristã”

EAD ENSINO À DISTÂNCIA 
www.cassianoBrasil.com

Lei nº. 9394/96, o Decreto nº. 5.154/04

UNIVERSIDADE BRASIL
Unidade de Ensino à Distância



Apostila Vida Cristã

ÍNDICE

Aula 01: Como Estudar a Bíblia

Aula 02: Santificação I

Aula 03: Santificação II

Aula 04: Eu e Minha Língua I

Aula 05: Eu e Minha Língua II

Aula 06: Aprendendo a Perdoar I

Aula 07: Aprendendo a Perdoar II

Aula 08: Deus e Minha Família

Aula 09: Deus e Minhas Finanças

Aula 10: Sacerdócio Universal

Aula 11: Trabalho, Estudo ou Ocupação Secular

Aula 12: Sistema de Deus X
Sistema do Mundo

Aula 13: A Vontade de Deus

Aula 14: O Fruto do Espírito Santo

Aula 15: Disciplinas Espirituais

Aula 16: Autoridade e Submissão

COMO ESTUDAR A BÍBLIA

INTRODUÇÃO

Para nós, cristãos, a Bíblia é a Palavra de Deus, por Ele inspirada e constituindo, por isso, regra única, suficiente e infalível de fé e prática. Com clareza e simplicidade, ela nos traz revelações a respeito de Deus, da humanidade e da história de amor que há nessa relação

O objetivo principal de sua leitura é a nossa transformação (II Tm 3.16), para nos tornarmos imagem e semelhança de Deus. Como ela é a expressão da vontade de Deus para nossas vidas, devemos permitir a ação do Espírito Santo à medida que a conhecemos.

Não devemos estudar a Bíblia apenas em busca de conhecimento teórico, mas principalmente prático (Tg 1.21-25) e humildade, sabendo que o crescimento é operado por Deus em nós (I Co 12.6).

Entretanto, existem na sua interpretação dificuldades próprias de um livro que trata de verdades celestiais, escrito num período de 1.600 anos, por cerca de 40 mãos, e endereçado a todos os tipos de homens e mulheres.

A Bíblia, como revelação divina e sobrenatural através de pessoas limitadas em sua linguagem e modo de pensar terreno, possui um aspecto divino e outro humano. Se esquecêssemos de um, poderíamos concluir que nela há absurdos, incoerências e contradições; se esquecêssemos do outro, daríamos asas à imaginação em nossas interpretações.

OBJETIVOS

Conhecer a vontade de Deus e sermos por ela transformados e santificados (Sl 119.9; Jo 5.3; 17.17; Ef 5.26; Tg 1.21-25).

Criar sólidos alicerces que nos defendam do assédio do inimigo e de deturpações heréticas (Gn 3.1-6; Sl 119.105,130; Os 4.6; Mt 4.310; 22.29; Ef 4.13,14).

FORMA

Diariamente – a Bíblia deve ser lida todos os dias e estudada a fundo pelo menos duas vezes por semana (Sl 119.97).

Em local adequado – onde haja calma e silêncio, e onde não sejamos distraídos ou interrompidos.

Ordenadamente – a leitura da Bíblia de capa-a-capa nos dá uma visão global dos planos de Deus, o que a leitura aleatória não fornece.

Com atitude adequada:

- Respeito à revelação do Senhor dos céus e da terra;

- Amor à verdade, não se deixando levar por influências, preceitos ou doutrinarios;
- Disposição de sujeição, fé em sua infabilidade e conseqüente obediência às revelações recebidas, possibilitando a compreensão de novas revelações (Jo 7.17);
- Oração durante a leitura pela compreensão (Mt 13.36; Mc 4.10,24; Tg 1.5-7);
- Conhecimento externo, como língua original, história, geografia, cronologia, costumes, cerimônias, etc;
- Liberdade à operação do Espírito Santo (Jo 14.26; I Jo 2.27).

Tendo à mão material de consulta – dicionários, concordâncias, chaves bíblicas, etc.

DIFERENÇAS ENTRE DEVOCIONAL, LEITURA E ESTUDO

Principalmente em relação à duração e ao objetivo.

Hora devocional – voltada para a oração e a meditação; normalmente enfoca apenas alguns versículos.

Leitura – visa o conhecimento do texto em si; pode englobar um ou mais capítulos.

Estudo Bíblico – leva horas ou até mesmo dias, buscando um aprofundamento maior.

ÍNDICE MENTAL DA BÍBLIA

Possibilita maior desenvoltura no seu manuseio.

Antigo Testamento:

Pentateuco ou Livro da Lei – Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

Livros Históricos – Josué, Juizes, Rute, I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, Esdras, Neemias e Ester.

Livros Poéticos – Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos.

Livros Proféticos

Maiores: Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel.

Menores: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Novo Testamento:

Livros Biográficos – Mateus, Marcos, Lucas e João.

Livro Histórico – Atos

Livros Doutrinários – Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses, I e II Timóteo, Tito, Filemon, Hebreus, Tiago, I e II Pedro, I, II e III João e Judas.

Livro Profético – Apocalipse.

ETAPAS DO ESTUDO BÍBLICO

Leitura – é a observação do texto, vendo o que ele diz:

- Tempo diário, além da hora devocional, num momento em que a mente não está cansada;
- Escolha o texto de acordo com um propósito (compromisso com um tema, livro que o motiva, texto da hora devocional que falou ao seu coração, necessidade do momento, etc.).
- Leitura exaustiva do texto sem pular palavras ou frases (use o dicionário), até dominá-lo pela memória (ser for uma epístola, deve ser toda lida).
- Utilizando do material externo (Bíblia em várias versões, chave bíblica, dicionário bíblico e secular, comentários, mapas, etc.).

Compreensão – é entender o que o texto diz.

- Tomar consciência dos detalhes do texto, anotando:
 - quantos e quais são os personagens;
 - o que falam, para quem e por quê;
 - como falam (verbos e tempos verbais);
 - de onde vêm e para onde vão;
 - o que é feito e como é feito;
 - o que aconteceu antes e o que acontecerá depois.
- Destacar a idéia principal;
- Consultar as referências do Antigo ou Novo Testamento;
- Ajuda de material externo (ex. Jo 7.2,37 – festa; Mt 22.15-22 – denário; Sl 126-4 – Neguebe).

Interpretação – é mais do que entender, é extrair lições daquilo que o texto diz.

- Analisar o texto dando às palavras seu significado comum e usual, não fazendo interpretações simbólicas, a não ser que, o próprio texto nos autorize (ex. Lc 10.25-27; 19.1-10).
- Conhecer toda a frase em seu conjunto, os objetivos do autor, sua forma de argumentação e as idéias que quer estabelecer (ex. Tg 2.24; Rm 3.28; Gl 3.3; Ez 36.26).
- Observar o contexto e não um versículo isolado (ex. Jo 9.3).

- Consultar passagens paralelas:
 - de palavras (ex. revestir – Rm 13.14; Gl 3.12,14,27);
 - de histórias (ex. I e II Cr; I e II Sm / Mt; Mc; Lc);
 - de personagens (ex. Pedro nos evangelhos, Atos e cartas);
 - de idéias (ex. última ceia – Lc 22.14; I Co 11.22-29);
- Confrontação bíblica geral (ex. Gn 6.6; Nm 23.19).
- Utilizar de material de apoio (chave bíblica, comentários, etc.).

Meditação e Aplicação – é o fecho do estudo, quando aplicamos em nossas vidas as lições extraídas do texto.

- Oração pedindo ao Espírito Santo a aplicação das lições à vida.
- Anotação organizada das conclusões:
 - o que aprendi sobre Deus (Pai, Filho e Espírito Santo)?
 - o que aprendi sobre doutrinas?
 - há algum exemplo a seguir?
 - há algum acerto a continuar praticando?
 - há algum erro a consertar ou pecado a abandonar?
 - há alguma ordem a obedecer?
 - o que farei de prático a partir de agora?

Fazendo os seus próprios estudos da Bíblia, você passar a andar com as suas próprias pernas!

SANTIFICAÇÃO I

I Co 10.23 e Tt 1.15

INTRODUÇÃO

De um modo geral, a forte influência da tradição da própria igreja forma em nós alguns conceitos e preconceitos com relação ao comportamento cristão. Muitas vezes colocamos jugos pesadíssimos sobre nós mesmos e sobre nossos irmãos; e são jugos tão pesados que não conseguimos carregá-los.

Vamos, neste estudo, tentar mostrar o ponto de vista bíblico no que diz respeito à vida cristã, nossos comportamentos e atitudes.

O QUE É SANTIFICAÇÃO?

A diferença entre salvação e justificação:

Ambas são aspectos da salvação. A justificação se dá em um instante. Você aceita Jesus, e naquele instante, mesmo que você não saiba precisá-lo, você é feito justo, é absorvido de todos os pecados que já cometeu, torna-se nova criatura.

Já a santificação, é um processo que apenas se inicia no momento da sua conversão, que continuamente transforma você na imagem e semelhança de Jesus Cristo, processo esse que acompanhará você até o fim de sua via. Leia I Co 1.2; 15.51-58; II Co 3.18.

Como se dá esse processo?

Quem santifica é Deus (I Ts 5.23). Leia também Jo 21.1-14.

Nesse texto, João faz o papel do Espírito Santo, ou seja, Pedro estava nu (na Bíblia, a nudez simboliza o pecado) quando João o alerta de que era Jesus que estava na praia. Pedro desperta para o fato de que Jesus estava ali e, na presença do Senhor, veste-se (v.7), mergulha na água e vai ao encontro d'Ele.

Esse é o legítimo processo de santificação. Note que João não lhe disse para vestir sua roupa, mas alertou-o de que Jesus estava ali.

Pedro então vê sua própria nudez e sente a necessidade de cobri-la.

Atenção: Ef 4.30 e I Ts 5.19.

Se a pessoa interrompe o processo de santificação, ou seja, se comete pecados de forma consciente, contínua e até premeditada, ela passa a ser uma pessoa apenas religiosa e a vida cristã perde a graça, perde o óleo, a alegria, a vida. Então sucede-se a dureza de coração, a mesmice, a chatice, a carolice.

Obviamente, é possível retornar ao processo de onde ele foi interrompido, mas o retorno é mais longo e mais difícil.

Importante: Pv 4.18.

O caminho do justo (santo) é como a "luz da aurora", ou seja, ainda não é dia, mas já está clareando; e mesmo que não esteja tão claro quanto gostaríamos, está clareando, e será dia. Pv 24.16.

O justo não é alguém que não cai nunca, e, sim, aquele que cai e se levanta. Numa guerra, há feridos e baixas dos dois lados. Somos mais que vencedores, o que não quer dizer que não cairemos jamais, mas que, se cairmos, com absoluta certeza tornaremos a nos levantar.

OS SANTOS

I Co 1.26-29. Esse versículo derruba a teoria de que os cristãos são convencidos porque crêem na certeza da salvação.

A LUTA DA CARNE CONTRA O ESPÍRITO

Gl 5.17. Ao nascermos de novo, um novo e santo homem nasce dentro de nós. O velho homem morre na cruz e o novo nasce. Passa a haver uma luta. Cl 3.9,10; Ef 4.22-24.

Até o apóstolo Paulo travou esta luta interior: Rm 7.15; 8.2. Cada pessoa tem seus próprios pontos fortes e fracos, de modo que uns têm mais dificuldades com algumas coisas, outros menos.

SANTIFICAÇÃO II

I Ts 4.3,7,8

Santidade é o requisito mais importante se quisermos realizar a VONTADE de Deus na nossa vida.

INTRODUÇÃO

Lv 11.44,45. A palavra santo significa separado. Fomos chamados por Deus, do mundo (Egito), para sermos de Deus. Para amá-Lo, servi-Lo e obedecer-Lhe, em novidade de vida. I Pe 1.15,16.

NA PRÁTICA, O QUE SANTIDADE?

- É "eis-me aqui" (Is 6.8) – o meu pecado foi perdoado (v.7); meus olhos viram o rei (v.5); resposta a "quem enviarei?" (v.8). É ser súdito do reino para servir ao Rei em qualquer serviço, grande ou pequeno. Com alegria, sem murmuração, com a visão global da obra de Deus. Sabendo que sou um enviado! Sou separado! Estou fazendo uma grande obra.
- É andar na presença de Deus (Gn 17.1; Is 6.1-5) – "Anda na minha presença e sê perfeito". Andar na presença de Deus é andar em reverência, adoração, no temor do Senhor: este é o princípio da sabedoria; é ter maturidade. I Jo 1.7.
- É estar cheio do Espírito Santo (Sl 23.5) – "Unges-me a cabeça com óleo; o meu cálice transborda". "Não vos embriagueis com vinho (...) mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos entoando e louvando de coração ao Senhor, com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo" (Ef 5.18-21).
- É casamento com Cristo – união legítima (Ef. 5.31,32) – "Grande é este mistério", o mistério do casamento, da unidade. Casamento significa: união legítima, harmonia, enlace, unir, aliar-se, harmonizar-se, combinar-se, conduzir. Em um casamento esperamos fidelidade, firmeza, exatidão (I Co 1.9).

Fomos chamados à santidade do casamento com COMUNHÃO DE BENS!
Casamento com Jesus Cristo!

Portanto, não ao egoísmo e à falsa aparência de santidade, mas santidade em toda da nossa maneira de viver: santidade na família, no trabalho, na igreja, santidade em vida! Sejamos santos!

- É mudança de vestes (Ec 9.8) – “Em todo tempo (...)”, como cuidou do sacerdote Josué, como cuidou de Adão, Deus cuida de nós e o sangue de seu Filho, nos lava (Ap 6.11; Is 61.10), dando-nos santidade, vestes espirituais lavadas no sangue.

Oração:

Eis-me aqui, Senhor, quero andar na Tua presença, ser cheio do Teu Espírito e viver em união perfeita contigo, união legítima pelo sangue de Jesus Cristo, em plena comunhão dos Teus bens! Amém.

MANTENDO A SANTIDADE

Lv 6.12,13; Ex 16.4,20,21.

É de importância vital para a vida espiritual a separação de um tempo, diariamente, para estar de modo especial diante de Deus. No Velho Testamento, era obrigação do sacerdote manter o fogo aceso continuamente no altar – e o Senhor ensina que a única forma de fazer isto é colocando lenha na fogueira “a cada manhã”. Quando o povo de Israel peregrinava pelo deserto e necessitava de alimento, Deus mandou-lhe o maná, mas eles tinham de colhê-lo “a cada dia”.

Oração, leitura da Bíblia, louvor e jejum são atividades que devem fazer parte do nosso cotidiano, a fim de que o fogo arda continuamente em nossos corações.

EU E MINHA LÍNGUA I

Pv 4.23; Mt 15.18; Ef 5.18b-20; Tg 3.2b.

INTRODUÇÃO

Na carta de Tiago, Deus nos diz que se alguém consegue controlar sua língua é perfeito varão, ou seja: terá atingido a imagem e semelhança do Senhor. Mas por que Tiago faz esse tipo de analogia? Qual a relação entre a língua e perfeição? Se associarmos os versículos de Mt 15.18 e Pv 4.23, com Tg 3.2, veremos que o que sai da boca vem do coração e que do coração procedem as fontes da vida; logo, alguém capaz de controlar suas vontades, passando a ser “senhor” de suas decisões, não é mais escravo de suas vontades e paixões.

A IMPORTÂNCIA DA PALAVRA

De um modo geral, as palavras têm um grande poder, seja ele construtivo ou destrutivo. Os próprios rumos de nação têm sido mudados e alterados bruscamente em função de fofocas e histórias. Frequentemente vemos pessoas ganhando ou perdendo fortunas nas bolsas de valores em função de boatos, em sua maioria sem fundamento.

- Deus criou o universo pela palavra (Sl 33.6; Hb 11.3).
- Pela palavra confirmamos nossa salvação (Rm 10.9).
- Há poder de morte ou vida em nossas palavras (Pv 18.21a).

O MAU USO DA LÍNGUA

- **Murmuração** (Fp 2.14; Ex 15.24; 16.2; 17.4-7)
- Língua indomável (Pv 10.19; Ec 5.3; Mt 12.34). Uma língua agitada e inquieta demonstra um coração agitado e inquieto, ainda não dominado pelo Espírito. Quem fala demais fala o que não deve.
- **Palavras frívolas** (Mt 5.37; 12.36)

Quantas vezes nos colocamos em situações muito constrangedoras porque falamos frivolamente, às vezes para sermos agradáveis, às vezes para evitarmos um confronto?! A verdade, associada ao amor, é a melhor forma de se resolver nossas questões.

- **Fofoca** (Pv 18.8; Lv 19.16; Jr 18.18)

Algumas pessoas tiveram a vida completamente destroçada por fofocas, inclusive surgidas dentro da igreja, com ar de santidade e de espiritualidade. A fofoca pode ferir a ponto de matar fisicamente uma pessoa.

A fofoca é diferente dos outros empregos da língua porque necessita de pelo menos duas pessoas para se manifestar. Quem nunca ouviu algo como: "onde há fumaça, há fogo" ou "o povo aumenta, mas não inventa", etc., vindo assim a jogar gasolina na floresta em chamas? (Pv 17.9; I Pe 4.15).

- **Mentira** (Pv 6.16-19)

Das sete coisas que o Senhor abomina, três se relacionam à língua: língua mentirosa, testemunha falsa e o que semeia contenda entre irmãos.

Pv 12.22; JO 8.44; Ap 2.8. observe nesta passagem do livro de Apocalipse, a que se comparam os mentirosos. Não existe "mentirinha branca": o que dizemos é verdade ou é mentira. "Cola" nos estudos, palavra com efeito duplo, telefone tocando ("diga que não estou"), nada mais são do que mentiras no sentido real da palavra, e com todas as implicações que ela traz.

- **Bajulação**

Com o atual sistema de valores injusto e cruel, no meio do qual vivemos, as pessoas necessitam de palavras de estima, de elogios, de declarações positivas daqueles que o cercam. Contudo, temos a tendência de elogiar

mais os ricos, os bonitos e os poderosos. Devese tomar cuidado para que essas palavras, principalmente quando dirigidas a pessoas que têm com que nos recompensar, não se revistam de hipocrisia e falta de sinceridade, inclusive vindo a lhes armar um laço. (Sl 12.1-3; Pv 27.21; 28.23; I Ts 2.5).

- **Palavras precipitadas**

O comportamento moderno ensina que quando uma pessoa é provocada, deve de imediato expandir sua ira, dizer o que pensa, enfim, não deve “levar desaforo pra casa”, para que não seja tomada por doenças psicológicas e psicossomáticas. Considere, entretanto, os seguintes textos: Pv 17.14; 29.11,20; Nm 20.2-13; Sl 106.32,33. Perdemos grandes bênçãos quando nos precipitamos.

EU E MINHA LÍNGUA II

INTRODUÇÃO

Pv 18.20,21 e Is 6.1-7.

É necessário que o povo de Deus conheça e ponha em prática o poder benéfico da palavra.

- Pela pala o mundo foi criado (Gn 1.3-31; Hb 11.3).
- Pela nossa palavra o confirmamos a nossa fé para a salvação (Rm 109).
- A morte ou a vida estão no poder da língua (Pv 18.20,21).
- De toda palavra impensada que proferir, o homem será julgado.
- Poderá, pela palavra, ser julgado ou condenado (Mt 12.36,37).
- Quando Isaías sentiu o impacto da presença de Deus no templo, a primeira preocupação foi com seus próprios lábios impuros e com a impureza dos lábios do seu povo (Is 6.1-7).

O PODER NEGATIVO DA PALAVRA

Murmuração (Fp 2.14); contenda (Ex 15.24; 16.2); maledicência e testemunha falsa (Pv 6.16-19); impureza (Ef 4.25; 5.3,4); língua indomável (Tg 3.8); mentira (Jo 8.44).

Cuidado com as fantasias de nossas criancinhas. Devemos chamá-las à realidade com equilíbrio, mas vigiar as mentiras contidas nas fantasias, pois elas podem trazer problemas futuros.

PODER POSITIVO DA PALAVRA

Com lábios purificados, Isaías louva ao Senhor, deseja evangelizar (Is 6.6,7).

O poder positivo se manifesta:

- No louvor – louvor que desbarata o inimigo (II Cr 20.21,22; Sl 8.1,2). Ele é emitido até da boca dos que mamam. Louvor devoção (Sl 45.1,2).
- Na pacificação – bem-aventurados (Mt 5.9) os que usam a língua para pacificar. Resposta branda (Pv 15.1,2,4,7).
- Na edificação – língua sábia, erudita (Is 50.4). Língua com uma boa palavra que promove edificação (Ef 4.29). Principalmente quando ministramos. A palavra dita a seu tempo quão boa é (Pv 15.23; 25.11).

NECESSIDADE DA PALAVRA DE DEUS

Para que minha língua seja uma bênção, eu preciso ter um coração cheio da Palavra de Deus.

- Deixar morar em nós ricamente a Palavra (Cl 3.16,17) – ler, “comer” a Bíblia, diariamente e disciplinadamente.
- Lutar usando a palavra de Deus (Ef 6.17).
- Nossa oração quanto aos nossos lábios deve ser como o Sl 141:3: “Põe, Senhor, uma guarda à minha boca; guarda a porta dos meus lábios”, pois Tg 3.8 afirma que não deve sair da nossa boca bênção e maldição.

CONCLUSÃO

Precisamos vigiar nossa língua, pois com ela podemos louvar e amaldiçoar (Tg 3.9). Portanto, devemos usar a Palavra de Deus como boa semente que germina e frutifica, enchendo nossos próprios corações de coisas boas.

APRENDENDO A PERDOAR I

Ef 4.32; Cl 3.13.

INTRODUÇÃO

Perdoar é uma atitude cristã difícil de ser praticada. Ao mesmo tempo, é extremamente necessária para que possamos viver um autêntico cristianismo. E como somos humanos, é impossível encontrar alguém que não necessite perdoar ou pedir perdão.

Perdoar é difícil, porque implica em abrir mão de nosso ‘direito’.

Pedir perdão é difícil porque implica em abrir mão do nosso orgulho.

O QUE É PERDOAR

Alguns dizem que perdoar é esquecer. Engano! O perdão não envolve esquecimento necessariamente.

Perdoar é neutralizar a capacidade de ferir da agressão.

Ou seja, eu realmente perdoei quando consigo falar sobre a agressão, sem que ela me incomode.

Imagine o seguinte: certamente, quando você era adolescente, cometeu algum 'deslize' que se tornou motivo de chacota entre os colegas. Sempre que alguém se lembrava daquele seu 'deslize', você ficava envergonhado, chateado, triste. Mas hoje, talvez você mesmo consiga contar aquele ocorrido dando boas gargalhadas de você mesmo! Aquele 'deslize' perdeu a capacidade de te ferir. O perdão é exatamente assim.

Perdoar, é ainda, dar como perda.

Imagine o seguinte: alguém deve você certa quantia em dinheiro. Você já cobrou muitíssimas vezes, mas esta pessoa não tem como te pagar. Um belo dia, você resolve dar aquela quantia como perdida, e perdoa aquela dívida.

Ou ainda, você já cobrou muitas vezes, a pessoa tem como te pagar, mas te 'enrola'. Isto te causa ira, indignação! Sempre que você vê a determinada pessoa, sente desejo de esganá-la. Mas um belo dia, você decide não se desgastar mais com esta situação, e dá aquela quantia como perdida, perdando a dívida. Isto é perdão.

O primeiro caso é quando o ofensor está arrependido. O segundo, é quando não se arrepende. Mas apesar de dar como perda algo que te é legítimo, você fica livre do desgaste.

O PARADIGMA BÍBLICO DO PERDÃO

Tanto Ef 4.32 como Cl 3.13, nos mostra o paradigma bíblico do perdão: "como também Deus, em Cristo, nos perdoou" e "assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós"!

Deus nos perdoou sem que merecêssemos – o perdão só faz sentido se for sem merecimento. Se há merecimento, logo não é mais perdão, mas justiça! (Rm 5.8).

Deus nos perdoou sem que pedíssemos perdão – o maior exemplo disto é Cristo na cruz (Lc 23.34). Estevão segue o exemplo de Cristo (At 7.60). Deus era o ofendido, mas ainda assim foi Ele quem tomou a iniciativa de nos perdoar.

O ensino bíblico acerca do perdão, é que pelo fato de termos sido perdoados por Deus, sem qualquer merecimento, devemos perdoar aos que nos ofendem, independente deles merecerem ou não. Jesus deixa isto muito claro na parábola do 'credor incompassivo' (Mt 18.23-35). A idéia da parábola, é que tínhamos uma dívida para com Deus impossível de ser paga – por isto estávamos condenados ao inferno. Deus nos perdoou, concedendo-nos a salvação. Logo, qualquer ofensa que venhamos a sofrer será menor do que a que Deus perdoou!

A oração modelo (Pai nosso) nos ensina isto também (Mt 6.12). E Jesus vai além, dizendo que se não perdoarmos ao próximo, de igual forma não seremos perdoados por Deus (Mt 6.12-15; Mc 11.25)!

MANDAMENTO IMPRATICÁVEL OU MEIO TERAPÊUTICO

Parece que Deus está impondo algo muito difícil a nós, quando ordena que devamos perdoar. Mas, na verdade, o mais beneficiado é quem perdoa. Independente do ofensor se arrepender ou não, quem perdoa tira do seu coração um peso, uma 'raiz de amargura' (Hb 12.15), que quando não eliminada, vai corroendo sua saúde emocional e espiritual.

Se você não consegue exercer o perdão, peça a Deus para mudar o seu coração, pois o mais prejudicado está sendo você!

APRENDENDO A PERDOAR II

INTRODUÇÃO

David Angsburge disse: "quando aprendemos a olhar em torno de nós com os olhos amorosos de Cristo, nenhum homem é indigno de amor, nenhum está além do perdão".

Neste estudo, veremos que a Bíblia nos ensina a respeito do amor ao próximo e do perdão.

POR QUE PERDORAR?

- Porque só ao Senhor pertence a vingança

Lv 19.18; Dt 32.25; Pv 20.22. A atitude do servo de Deus diante de qualquer ofensa dever ser a de Rm 12.17-21.

- Porque Jesus nos deu o exemplo, perdoadando-nos

Mt 18.21-35; Lc 23.33,34; I Pe 2.21-24. A dívida de cada um de nós com o Senhor é incomparavelmente maior que a dívida que alguém tenha conosco. Se Ele nos perdoou em Cristo, não poderemos negar o perdão ao próximo (Mt 6.12; Ef 4.32).

- Porque onde não há perdão, há amargura

Hb 12.14,15. Causa mal e acaba envolvendo outras pessoas, já que a "raiz" tende a crescer e a tornar-se "grande árvore". É preciso procurar fazer como Deus faz conosco (Is 43.25).

COMO PERDOAR?

O perdão é o fruto do amor de Cristo, derramado em nossos corações. Vejamos então as características desse amor, para saber o que buscamos e o que devemos espelhar em nossas vidas (Jo 13.34).

- Jesus não esperou o passo inicial do homem em Sua direção (I Jo 4.10,19), nem tampouco esperou retribuição (Rm 5.8). O amor fez com

que tomasse a iniciativa, mesmo não sendo aceito ou compreendido (Lc 23.33-35; Jo 1.11).

- O amor de Jesus não faz acepção de pessoas (II Co 5.14; I Tm 2.3,4; Ap 5.9). Ele não foi contido por raça, cor, estrutura, posição social, etc.
- Por amor, Jesus abriu mão do que era seu (Fp 2.5-7), entregando a própria vida (Fp 2.8; Jo 15.13), para suprir a necessidade humana (Jo 3.16).

Este é o mesmo amor que precisamos viver, refletir em nossas vidas; o degrau "a mais" que o povo de Deus deve subir (Mt 5.43-48; Jo 13.35). Para possuí-lo, devemos:

- Amar a Deus em primeiro lugar e não dividir este lugar com outros amores (Mt 22.37,38). Ele é a fonte do verdadeiro amor (I Jo 4.7,8). Se Ele ocupar outro lugar (mesmo que seja o segundo), tudo se acabará. Busque-O, procure estar com ele e fazer a Sua vontade (Mt 6.24; 10.37; Ef 1.6).
- Alcançá-lo ativamente e não esperar recebê-lo apenas (Cl 3.1). O amor é fruto do Espírito Santo que habita em nós (Gl 5.22,23), mas também é mandamento (Jo 13.34; 15.12). Precisamos, então, proporcionar oportunidade para que o Espírito frutifique, manifestando o amor em nós e através de nós.

APLICAÇÃO PRÁTICA

Para exercitar o amor, e especificamente o perdão, lembre-se:

- É melhor resolver logo os problemas, não deixando que eles se acumulem (Sl 4.4; Ef 4.26,27).
- Perdoar não é covardia ou fraqueza, mas uma atitude corajosa de quem domina o seu sentimento (Pv 16.32; II Pe 1.5-8).
- Deus está pronto a ajudá-lo (Fp 2.13).
- Jesus morreu também por quem ofendeu você (I Tm 2.3,4).
- Há poder em deixar a mente profundamente embebida da Palavra de Deus (Fp 4.8).

DEUS E MINHA FAMÍLIA

Dt 6.1-11; Sl 128.

INTRODUÇÃO

Deus criou a família. Ele sentiu desejo de Ter alguém semelhante a Si para comunicar-se de igual para igual, e disse: "Façamos o homem à nossa

imagem, conforme a nossa semelhança...” “Homem e mulher os criou (...) e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos (...)” (Gn 1.26-28). E a comunhão era perfeita, no paraíso, até que aconteceu o pecado da desobediência.

O PECADO TROUXE A QUEDA E AS MALDIÇÕES

A maldição de homem: suar para obter o que comer.

A maldição da mulher: ter filhos com dor.

Mas no seu incomparável amor, amando a família, Deus abençoou aquelas que o temem. O Sl 128 é o padrão de Deus para a família. Padrão de felicidade com êxito.

JESUS CRISTO VEIO

Jesus transformou a maldição em bênção. A graça não substituiu a lei, mas o que era lei fria se encheu de calor, amor e verdade. Cristo veio para nos dar vida e vida com abundância. Vida com Cristo na família. Em família, devemos zelar pela comunhão com Cristo e observar seus mandamentos. O modelo de família em Efésios mistura o relacionamento de marido e mulher com o de Cristo e Sua noiva, a Igreja (Ef 5.22-33; 6.1-4).

APLICAÇÃO PRÁTICA – Dt 6.1-11

- Amar (v.5)

Esta é a raiz de todo relacionamento de Deus com a minha família através de mim. Aqui começa a comunicação viva, minha com Deus e com o meu próximo. Quando estivermos cheios deste amor e obediência, fidelidade, temor e reverência, comunicaremos bem com a família.

- Falar (vs.6,7)

A palavra é Cristo, o Verbo inculcado em nosso coração. Uma palavra boa, adequada ao momento, pronta para edificar, corrigir. Este é o verdadeiro culto doméstico, que dura 24 horas por dia. Ele acontece no viver normal de cada dia.

- Agir (v.8)

Mãos – serviço. Tudo o que José fazia prosperava (Gn 39.3; 41.46-49). Mãos para abençoar, acariciar, literalmente tocar. Evite disciplinar com as mãos. Use intermediários. Exemplos: vara (Pv 22.15; 23.14). Mãos para curar (Mc 16.18). Mãos para repartir (Ef 4.28). Mãos santas em oração (I Tm 2.8).

- Vigiar (v.8)

Olhos – olhando para Jesus (Hb 12.2). A palavra como frontal, vigiando e orando (Mt 26.41).

Testeira – os judeus usavam o “filactério” (uma caixinha de couro, presa na testa com passagens bíblicas).

Vigiar para ter olhos bons, simples, sem ambição, como olhos de pomba (Ct 1.15; Mt 10.16), porque se os olhos forem bons, todo o corpo será bom (Mt 6.22). Olhando, vigiando os filhos, a palavra que está por trás da que está sendo proferida... as atitudes... o semblante, etc.

- Propagar (v.9) – testemunho (Hb 2.2)

Assim como o sangue do cordeiro imolado colocado nas vergas das casas impedia a entrada do anjo da morte (Ex 12.23), também a Palavra de Deus presente em nosso coração (Jó 23.12; Sl 119.11) nos guarda do pecado.

Umbral da casa e porta falam do nosso testemunho, de nossa vida transparente que revela Cristo. Porta: lugar de entrada e saída guardada pelo sangue de Jesus. Devemos por ela entrar e sair em oração, invocando a PALAVRA.

Portanto, amar, falar, agir, vigiar e propagar juntamente com Deus no seio da família.

DEUS E MINHAS FINANÇAS

INTRODUÇÃO

Como todas as demais áreas de nossa vida, a área financeira também é permeada pela atuação de Deus. Não existe limite entre o sagrado e o secular. A primeira coisa que devemos ter em mente é que tanto as riquezas quanto as forças para adquiri-las vêm de Deus (Dt 8.17; I Cr 29.12-14). Conforme Jesus nos ensinou na parábola dos talentos (Mt 25.14-30), não passamos de mordomos, de servos a quem o Senhor confiou os seus bens para que sejam administrados com sabedoria (Lc 16.1-13).

SER RICO É PECADO?

Na verdade, o que a Bíblia nos diz é que o mal está em amar as riquezas, em apegar-se a elas, e não propriamente em possuí-las (I Tm 6.7-10; Mt 6.24; Lc 18.18-30; Ec 5.10). Abraão, Isaque e Jacó, por exemplo, eram muito ricos (Gn 13.2,6; 26.12,13; 30.43).

Entretanto, podemos ter prioridades erradas:

- Usura – Os israelitas estavam proibidos de emprestar dinheiro visando receber juros, a não ser dos estrangeiros (Dt 23.19,20; Sl 15.1,5).
- Avarizia – O desejo demasiado de adquirir e acumular riquezas é equiparado na Bíblia à idolatria (Mc 7.21-23; Lc 12.15; I Co 6.10; Cl 3.5). O único modo eficaz de reverter esse quadro é deixando Deus vir em primeiro lugar (Mt 6.24).

- Fiador – Não fique como fiador de alguém se você não tiver condições de cobrir a dívida assumida (Pv 6.1; 11.15; 22.26,27).
- Crédito – Cartões de crédito, cheques pré-datados. Se fizermos bom uso desses recursos, serão bênçãos, mas, se fizermos mau uso, poderão nos arruinar (I Co 6.12).
- Perdulário – Não gaste seu dinheiro de maneira vã, ou na onda das “marcas” ou consumismo doentio. Que haja domínio próprio (Is 55.2).

O CRISTÃO E AS RIQUEZAS

Devemos lembrar que as riquezas são passageiras (Pv 27.24; I Tm 6.17-19). O ideal é buscarmos o equilíbrio (Pv 30.8,9).

Aqueles que possuem riquezas devem saber dominá-las, não se deixando dominar por elas (I Co 6.12; 9.25; Gl 5.22,23).

Além disso, precisamos lembrar que o mais importante não depende de dinheiro, mas é de graça e pela graça (Is 55.1).

O dinheiro, contudo, pode e deve ser instrumento dessa mesma graça de Deus (Pv 3.9,10; At 4.32-37; I Tm 6.17-19).

OS DÍZIMOS E AS OFERTAS

Dízimo – Dez por cento (10%) de tudo que temos ou ganhamos.

Oferta – Além do dízimo. Devemos colaborar com os diversos ministérios ou serviços eventuais que a igreja presta à comunidade ou mesmo seus membros mais carentes.

São expressões de corações agradecidos pelo que têm recebido do Senhor (I Cr 29.14-16). São também mandamento divino (Lv 27.30; Ml 3.10).

Os levitas, beneficiários dos dízimos e ofertas no Antigo Testamento, também davam o dízimo dos dízimos (Nm 18.26).

Há abundância de bênçãos para os que participam (Ml 3.10-12).

Abraão e Jacó, que viveram antes da Lei, deram o dízimo de seus bens (Gn 14.20; 28.22; Hb 7.4).

Deus promete afastar o devorador (Jl 1.4; Ml 3.8,9,11).

Ninguém é salvo por entregar seu dízimo, mas a Bíblia diz que é ladrão aquele que não entrega (Ml 3.8).

CONCLUSÃO

Nossa posição – não apenas quanto às riquezas, mas também quanto a qualquer coisa que signifique muito para nós – deve ser a mesma que Abraão tinha em relação a seu filho Isaaque: entregar tudo a Deus, sabendo que Ele é capaz até mesmo de ressuscitar um morto para levar a bom termo Seu propósito para nossa vida (Gn 22.1-9; Hb 11.17-19).

SACERDÓCIO UNIVERSAL

I Pe 2.9,10

INTRODUÇÃO

Os sacerdotes ocupavam lugar central no Antigo Testamento, pois somente eles podiam oferecer sacrifícios ao Senhor. Sem sacrifício não havia culto, logo, quando alguém desejava cultuar ao Senhor necessitava da mediação de um sacerdote (Lv 1.1-8).

Havia o sumo-sacerdote e os sacerdotes auxiliares. Enquanto os auxiliares ofereciam sacrifícios e cuidavam dos utensílios do templo, somente o sumo-sacerdote podia adentrar ao lugar mais sagrado – ‘santíssimo lugar’ – uma vez ao ano, para oferecer sacrifícios por ele mesmo e pelo povo (Lv 16.1-19).

Jesus mudou drasticamente este paradigma, pois a sua crucificação foi um sacrifício definitivo. Se não há mais necessidade de sacrifícios de animais, também não há mais necessidade de mediadores humanos para nos achegarmos a Deus. Cristo é o único mediador (I Tm 2.5).

Mais Ele foi além, e fez de todo cristão um sacerdote, com capacidade e autoridade para ministrar.

O SACERDÓCIO UNIVERSAL NA HISTÓRIA

Apesar de muito evidente nas páginas do Novo Testamento, esta doutrina foi ocultada por vários séculos. Com a institucionalização da igreja e o surgimento dos ministros oficiais, os ‘leigos’ foram privados do exercício dos ministérios.

Na reforma protestante do século XVI, a doutrina do sacerdócio universal dos crentes foi resgatada e difundida. Entretanto, a prática não foi tão evidente como as discussões teológicas. Vários movimentos pós-reforma praticaram intensamente essa doutrina, como os morávios e os ‘wesleyanos’ do século XVIII, mas, ainda hoje, temos a forte tendência de centralizar o serviço cristão nos ‘profissionais da religião’ ou ‘ministros oficiais’.

IMPLICAÇÕES DO SACERDÓCIO UNIVERSAL TODOS são chamados ao ministério

As duas principais figuras que o Novo Testamento usa para igreja é de um corpo em crescimento (Cl 2.18,19) e de um edifício em construção (Ef 2.19-22; I Pe 2.5).

Em ambos os casos, o crescimento se dá pela atuação de cada cristão, tendo cada um a sua função. Rm 12.4-8 e Ef 4.11-16 deixa isto claro. O

'corpo' cresce e o 'edifício' é edificado quando cada um exerce o seu ministério.

TODOS ministram e são ministrados

Os chamados 'mandamentos recíprocos' são ricos nesta questão. O Novo Testamento está cheio de ordens como: 'consolai-vos... e edificai-vos reciprocamente' (I Ts 5.11); "admoestai uns aos outros" (Rm 15.14); "confessai e orai uns pelos outros" (Tg 5.16).

É o sacerdócio universal que possibilita e enfatiza esta ministração recíproca na igreja. Cada cristão pode ministrar sobre a vida do outro e ser ministrado pelo outro, em várias situações. Não é apenas o pastor que ministra, pois todos são ministros. Por isto dizer: "cada membro um ministro, cada casa uma igreja.

O sacerdócio não se limita à igreja

I Pe 2.9 aponta a finalidade de ter o Senhor nos feito sacerdotes reais: "para proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz".

Uma vez sacerdotes, somos imbuídos da autoridade de Deus par proclamar, ou seja, anunciar a todos a pessoa de Deus.

É preciso entender qual o ministério de cada um

Mas para o bom exercício do nosso sacerdócio, é bom descobrir qual o ministério específico de cada um. Ministério e dons estão relacionados. Os dons são as ferramentas para o ministério.

Portanto, ore ao Senhor pedindo entendimento de qual o seu papel no corpo de Cristo – a Igreja.

TRABALHO, ESTUDO OU OCUPAÇÃO SECULAR

Sl 128.1,2.

INTRODUÇÃO

Muitos vêem o trabalho como uma maldição, no entanto, um estudo mais acurado da Bíblia nos mostra o contrário. Antes que o homem pecasse Deus o colocou no jardim para trabalhar (Gn 2.15). Nos versículos do Sl 128, vemos a bênção de Deus para o homem na forma de trabalho, obtendo o sustento para si e para sua família e tendo uma vida bem sucedida (Ec 2.24; 5.12).

A diferença que encontramos entre o trabalho designado por Deus em Gn 2.15 e a nossa (dura) realidade atual é a consequência da queda descrita em Gn 3.17b,19, ou seja, passou a haver a relação entre trabalho e sustento, trabalho e sobrevivência, aliada à maldição da fadiga envolvendo esse sustento.

POR QUE DEUS CONCEBE O TRABALHO COMO BÊNÇÃO?

Porque através do trabalho nosso caráter é moldado em vários aspectos: disciplina, pontualidade, obediência a normas, submissão.

Através do trabalho somos colocados por Deus em lugares estratégicos para empreendimento do seu plano. O Senhor tem um plano integral para sua vida e quer que você O sirva 24 horas por dia. Isto não significa que você deve largar seu emprego ou estudo e entrar para um seminário teológico, até porque se todos assim o fizerem, quem estaria no local onde você trabalha ou estuda dando testemunho das grandezas de Deus?

Através do trabalho, Deus nos dá os meios de colaborar e sustentar financeiramente Sua obra, aqueles que têm o chamado específico para dedicar suas vidas exclusivamente à pregação do evangelho (como os pastores, os missionários e os obreiros).

ATITUDES QUE O SENHOR DETERMINA

- Se você for empregado

I Tm 6.1,2 – Esta recomendação nada tem a ver com funcionário bajulador, mas com o servo de Deus. O servo sabe que a autoridade de seu chefe foi dada por Deus, que tudo domina (Pv 21.1).

Pv 14.35 – Alguns profissionais detêm sofisticadas tecnologias, mas, por não serem prudentes, não conseguem progredir.

Pv 22.11 – Uma pessoa investida de autoridade (o rei), percebe quando um funcionário seu é sincero em sua dedicação.

Pv 22.29 – Não importa sua profissão – músico, engenheiro, cabeleireiro, médico – Deus quer que você se aperfeiçoe, se dedique e, assim fazendo, “perante reis serás posto”.

- Se você for patrão

Ef 6.9 – Trate seus funcionários com dignidade, pois o Senhor não faz acepção de pessoas. Não ameaça. Cl 4.1.

- O exercício da prática cristã

Ore por seus colegas de trabalho (I Tm 2.1-3). Tenha um linguajar que o distinga, deixando de lado murmurações e críticas (Sl 34.13). Ajude os que estão próximos (Mt 5.16). Tenha um coração grato ao Senhor (I Ts 5.18). Não seja inconveniente, mas simpático e agradável (At 2.44,47).

- Atitudes erradas

Preguiça (Pv 19.5). O trabalho não deve ser um fim em si (Ec 6.7; 12.12). A riqueza em si também não deve ser um fim (Pv 24.3,5).

COMO ENFRENTAR O DESEMPREGO?

- Ore e mantenha a paz (Fp 4.6,7)
- Mantenha seu coração firme no Senhor

Nesta fase, Ele está o acompanhando mais de perto. Persevere em oração (Sl 37.4,5).

- Não despreze um emprego porque aparentemente significa pouco. Lembre-se da multiplicação dos pães.

CONCLUSÃO

Os mais modernos conceitos de trabalho com qualidade – limpeza, ordem, asseio, disciplina, comprometimento, dedicação – estão descritos na Bíblia desde a antigüidade e os cristão verdadeiros, que vivem o cristianismo em seu local de trabalho, podem ter a certeza de que como o Senhor foi com José e o fez prosperar, assim o Senhor será com ele, para que o Seu nome seja glorificado.

SISTEMA DE DEUS X SISTEMA DO MUNDO

INTRODUÇÃO

Como você definiria uma pessoa bem-sucedida nos dias de hoje?

Grande metrópoles, consumismo, shopping-centers, o aumento do contraste entre ricos e pobres, pessoas solitárias num mundo super populado, violência, roubos, assassinatos, destruição da natureza.

- Como começaram estas coisas?
- Como terminarão?
- É possível sair desse sistema? Como?

Mt 7.13,14: só existem duas portas, a estreita e a larga. Não há uma porta no meio!

Só existem dois sistemas: o de Deus, baseado na Sua vontade, nos Seus preceitos, no amor e na obediência, e o do mundo, baseado na ambição, na luta pelo poder, na vontade própria, na rebeldia.

O SISTEMA DO MUNDO

- Implantação (Gn 6.23)

Gn 4.16,17 – Caim retirou-se da presença do Senhor e edificou uma cidade; v.20 – passou haver o ajuntamento de riquezas; v.21 – a cultura; v.22 – indústrias, guerras; v.23 – violência.

- **Expansão**

Gn 11.3-6 – a Torre de Babel;

Ex 2.23-25 – o Egito;

II Rs 25.8-10,21 – o cativo babilônico (principal figura do sistema do mundo). • Valores

Mt 13.44-46 – tesouro escondido

Is 7.10 – inteligência, ciência humana

Is 13.19 – beleza exterior, glória aparente

Is 47.7 – status, posição social

Is 47.8 – busca de prazeres

Jr 51.13 – riquezas

Ap 18.22 – cultural

Este é um sistema cruel, que na maioria das vezes não temos condição de alterar. Por exemplo, as pessoas “bonitas”, segundo o padrão do sistema, já nascem assim, bem como as pessoas “inteligentes”. Conhecemos muito bem as conseqüências disso: sentimentos de incapacidade, de inferioridade, auto-desprezo, desespero, sentimentos que geram inveja, ambição, neuroses, ódio, alcoolismo, drogas, violência.

• O futuro (Ap 18.10-13,21-24)

Babilônia (sistema do mundo) será totalmente destruída no dia da vingança do Senhor e jamais se reerguerá.

Dn 2.31-35 – o sonho de Nabucodonosor (veja Mt 21.42-44).

O REINO DE DEUS

• Implantação

Adão (Abel, Caim); Sete; Enos (Gn 4.26); Enoque (Gn 5.24); Noé; Abraão; Moisés (Dt 34.10); Davi (At 13.22); Jesus Cristo (Cl 2.14,15); Espírito Santo na Igreja (Mt 24.14).

• O Futuro (Ap 21.1-5,22,23)

• Valores

SITEMA DO MUNDO	DO	SISTEMA DE DEUS
Beleza		Paz interior – Pv 31.30
Inteligência		Dependência de Deus – Ex 33.11
Status		Servir – Lc 9.46-48; Mt 11.11
Riquezas		Dar – I Sm 1.11; Mt 6.19-21
Cultura		Conhecimento de Deus - Salomão
Religiosidade		Vida íntima com Deus
Prazeres		Santificação ao Senhor – Jo 4.34

CONCLUSÕES

- Deus nos chama para sairmos do sistema do mundo Rm 12.1-3 – “Não vos conformeis com este século...” Is 48.20; 52.11; Jr 50.8; 51.6,45; Zc 2.6,7.
- É possível viver em “Babilônia” sem fazer parte dela Daniel e os três amigos se mantiveram firmes. Foram jogados no fogo, contudo não se queimaram! Muitas vezes, justamente quando nos dispomos a sair de “Babilônia”, somos jogados no fogo!

A VONTADE DE DEUS

INTRODUÇÃO

Qual é a vontade de Deus para mim? O que Ele quer? Como posso saber, com certeza, qual é a vontade de Deus para a minha vida?

Este é um assunto fundamental e, infelizmente, sujeito a confusões, já que não existem regras fixas. Entretanto, há princípios que podemos adotar para viver no “centro da vontade de Deus”.

PARA QUE CONHECER A VONTADE DE DEUS?

À luz da Bíblia, sabemos que fomos comprados por Jesus, mediante o Seu próprio sangue (Ap 5.9), e assim Ele tornou-se não só nosso Salvador (Jo 3.16,17), mas nosso Senhor (Fp 2.9-11; Jo 13.13). Isto implica um evangelho com benefícios, mas também com responsabilidades, pois agora temos um novo dono (I Co 6.19,20), cuja vontade está acima da nossa (II Tm 2.4) e que, além disso, é boa, perfeita e agradável (Rm 12.1,2).

Esta perspectiva afasta a idéia que alguns têm sobre conhecer a vontade de Deus por curiosidade. Ela deve ser experimentada (Rm 12.2) e praticada (Tg 1.22-25; Lc 12.47,48; Jo 13.17).

ABRAGÊNCIA DA VONTADE DE DEUS

Crer em Jesus significa aceitar Seu senhorio (ou autoridade) sobre todo o nosso ser (espírito, corpo, intelecto, emoções, tudo). Se Ele não for Senhor de tudo, então não estará sendo Senhor. Cabe a nós nos rendermos a Ele em amor (Lc 1.38).

COMO CONHECER A VONTADE DE DEUS?

- Pela Palavra de Deus, que é a Sua vontade já revelada:

Lei moral (Ex 20.1-17; Mt 22-34-40).

Ensinos de Jesus (Jo 6.40; 15.12-14).

Doutrinas dos apóstolos:

- vida santa e cheia do Espírito (Ef 5.15-21);
- vida pura (I Ts 4.3-8);

- vida de alegria, oração e louvor (I Ts 5.16-18); - vida de testemunho (I Pe 2.15,16).

- **Pela oração**

Método pelo qual a vontade humana se alinha à vontade de Deus, desfrutando de Sua intimidade (Sl 25.12-14). Por intermédio da oração, Abraão discernia a vontade de Deus e reconhecia a Sua voz: falava sempre com Ele (Gn 22.1-5; Hb 11.17-19; Jo 10.14,27).

- **Pelo compartilhar**

Ouvindo as experiências dos nossos irmãos e como eles foram atingidos por Deus (I Ts 5.11).

- **Pelas circunstâncias**

Das quais Jesus também é Senhor, controlando-as soberanamente, para guardar-nos no caminho que Ele quer (Rm 8.28).

- Estando dispostos a fazer o que já conhecemos a respeito da vontade de Deus:

Pois é um ciclo: quanto mais conhecemos e praticamos Sua vontade, mais Deus nos revelará a respeito dela, para que mais a pratiquemos (Sl 25.12-14).

- Não de lábios, mas de verdade, mesmo que contrarie o meu ponto de vista

Jr 42.1-12; 43.1,2,7; Mt 21.28-32.

COMO CUMPRIR A VONTADE DE DEUS?

O ponto de partida encontra-se em Sl 40.8. Não por obrigação ou por conveniência, mas por gosto. Possivelmente passaremos por situações em que a vontade de Deus aparentemente não nos será agradável. Se, porém, obedecermos pela fé, veremos mais adiante que ela não só é agradável, mas também boa e perfeita (Rm 12.2).

- Como podemos chegar ao ponto de nos agradarmos por fazer a vontade de Deus?

Aprendendo com o Senhor (Sl 143.10);

Tendo Sua lei no coração para discernir (Sl 40.8; 119.1); Perseverando (Hb 10.36).

- Há promessas para os que a cumprem:

Fazem parte da família de Jesus (Mt 12.50); Permanecem eternamente (I Jo 2.17).

- Jesus nos deu o exemplo (Lc 22.42; Jo 5.30; 6.38-40).

O FRUTO DO ESPÍRITO SANTO

Gl 5.22,23; Sl 92.14,15.

INTRODUÇÃO

O fruto do Espírito é sobrenatural. Deus realiza em nós tanto o querer como o efetuar (Fp 2.13). Fomos gerados para dar fruto (Mt 3.10). Toda árvore que não produz bom fruto é cortada (Mt 7.15-20). E pelo fruto se conhece a árvore (Mt 12.33).

JESUS É A FONTE E A VIDEIRA

É necessário permanecer em Jesus (Jo 15.1-5). Ele é a videira verdadeira, o Pai, o agricultor, nós os ramos, o ramo não pode ficar sem frutificar.

Precisamos nos tornar um com Jesus e com o Pai para que o fruto do Espírito seja produzido em nós e o mundo veja. Como a oração de Jesus por nós (Jo 17.20,21).

O fruto do Espírito é o ambiente ideal para o exercício dos dons (I Co 12.31; 13.1).

• Como dar fruto?

Jo 12.24 – Se o grão de trigo não morrer, fica ele só. Mas se morrer dá muito fruto. O homem que é sepultado em Cristo, fica sem vaidades e o Espírito Santo vive nele, e age, e unge e ele se torna um ganhador de almas.

Dar frutos significa entregar de coração todos os nossos direitos para Deus. Sl 131 – humildade sem ansiedade.

Alguém comentando o assunto, disse: em cada coração há um trono e uma cruz. Se você está reinando, Cristo estará na cruz, mas se você estiver na cruz, Cristo estará no trono, reinando.

Aliás, este convite para tomar a cruz de cada dia, Jesus Cristo fez, convocando a multidão (Mc 8.34-37). Não foi endereçado apenas aos discípulos mas a todos que quisessem segui-lo.

Ao contrário do que muitos pensam, a cruz não é um problema da vida, mas instrumento de morte!

• O que é o fruto?

Porque singular? Porque é único, não se pode dar meio fruto.

No relacionamento com Deus:

- **Amor:** Inspiração do Espírito no nosso coração, por Deus e aos homens, que é cumprimento da lei (Mt 5.43-48).
- **Alegria** – Felicidade que não pode ser roubada pelas dificuldades (I Ts 1.6; Fp 4.11b).

- **Paz** – Deixo-vos a minha paz... (Jo 14.27). A paz de Deus excede ao nosso entendimento (Fp 4.7).

No relacionamento com os homens:

- **Longanimidade** – Paciência debaixo de injúrias e danos sofridos (Mt 5.11,12). Ser tardio para irar.
- **Benignidade** – Disposição para com o próximo. O homem benigno faz bem a sua alma (Pv 11.17). Devemos ser benignos uns para com os outros (Ef 4.32).
- **Bondade** – A benignidade em ação (At 11.24).

No relacionamento conosco:

- **Fidelidade** – Ser fiel ao próximo e a Deus (Tt 2.10).
- **Mansidão** – Temperamento cristão de não defender nossos direitos com 'unhas e dentes"! Moisés (Nm 12.3); Jesus (Mt 11.29).
- **Domínio Próprio** – Autocontrole pessoal (Pv 16.32; I Co 7.9; 9.25).

CONCLUSÃO

O fruto do Espírito é uma ação exclusiva do Espírito Santo. Com nossos próprios esforços não podemos produzi-lo. Entretanto, cabe a nós trabalhar a terra, através do abrir o coração e da busca genuína em oração.

DISCIPLINAS ESPIRITUAIS

I Tm 4.7b

INTRODUÇÃO

As Disciplinas Espirituais são práticas cristãs que demandam um esforço intencional, deliberado, por parte do cristão. Na verdade, são práticas básicas do cristianismo, mas que infelizmente, temos desconsiderado algumas, como a meditação. As disciplinas têm sido classificadas em um número de doze. Tal classificação vem de estudos históricos da prática devocional da igreja dos primeiros séculos, bem como, em tempos posteriores. Na verdade são mais, parece que em toda história da igreja, doze foram mais evidenciadas.

É preciso ter equilíbrio, pois enquanto um erro é negligenciar estas disciplinas, o outro é cair no legalismo de fazer das mesmas leis, ou ainda, passos para a salvação. É preciso entender que estas disciplinas não devem ser praticadas para obtermos a salvação, mas porque já obtivemos a mesma pelo favor imerecido de Deus.

Outra questão, é que a prática destas disciplinas não nos dá o mérito da santidade. É Deus quem nos santifica, pois pelos nossos próprios esforços somos incapazes de alcançar um nível mais profundo de espiritualidade. É como numa plantação, onde o semeador não tem o poder de fazer uma semente germinar, mas ele lança a semente e confia na ação da natureza. As disciplinas espirituais é como o lançar da semente. Nós as praticamos e confiamos no agir de Deus em nossas próprias vidas.

O texto de I Tm 4.7b, tem tudo haver com esta questão: "Exercitate, pessoalmente, na piedade". A piedade não é uma virtude, mas um estilo de vida que o homem com seus próprios esforços é incapaz de obter. No entanto, mesmo assim o texto traz a expressão exercita-te, a qual vindo do contexto olímpico grego se referia ao ato do atleta treinar fisicamente para as corridas olímpicas. Logo, a Bíblia está nos exortando a "suor a camisa" num esforço intencional, para termos uma vida piedosa. Parece contradição, mas não é. É sim, lançar a semente e confiar na ação de Deus.

CONHECENDO AS DISCIPLINAS ESPIRITUAIS

1. Meditação – (1) contemplação; (2) reflexão (Js 1.8; Sl 1.1,2).
2. Oração – diálogo com Deus, não monólogo (Mt 6.5-15).
3. Jejum – abstenção de alimentos, como sinal de humilhação diante do Senhor (Mt 6.16-18).
4. Estudo – buscar compreender de forma sistemática as Escrituras Sagradas, para a renovação da nossa mente (Fp 4.8; Rm 12.2)
5. Simplicidade – sentimento que resulta num estilo de vida (Mt 6.24-34).
6. Solitude – estar a sós com Deus (Mt 14.13,23).
7. Submissão – submeter-se uns aos outros (Ef 5.21; Fp 2.3).
8. Serviço – buscar servir ao invés de ser servido (Jo 13.1-17).
9. Confissão – contar pecados, falhas, sentimentos... não apenas a Deus, mas também a irmãos de confiança (Tg 5.16; Pv 28.13).
10. Adoração – reconhecimento do que Deus é, com conseqüente entrega pessoal a Ele (Sl 95.6.7; 96.9; Jo 4.19-24).
11. Orientação – buscar entender a vontade de Deus para nossas vidas e/ou determinada situação (At 13.1-3).
12. Celebração – atitude de culto ao Senhor, com adoração e louvor, não apenas coletivo, mas também pessoal (Sl 47).

A PRÁTICA DAS MESMAS

As disciplinas não são naturais! Não as praticamos por instinto, de forma espontânea. Por isto são chamadas de disciplinas, ou seja, exigem esforço intencional, deliberado.

Entretanto, são meios que Deus criou para nos quebrantar e aumentar a nossa sensibilidade quanto às coisas espirituais. Não mudam a Deus, pelo contrário, mudam a nós mesmos, deixando-nos mais abertos ao mover de Deus em nossas próprias vidas.

Portanto, devemos buscar praticá-las, através do exercício espiritual, em busca da piedade.

AUTORIDADE E SUBMISSÃO

INTRODUÇÃO

Autoridade gera idéias de direito, domínio e controle. Em sentido estrito, cabe somente a Deus, já que só Ele é autoridade em Si mesmo. Em sentido amplo, refere-se a direito de domínio concedido por alguém superior, visando um fim específico comissionado – é o que chamamos de autoridade delegada (Gn 1.28). Toda autoridade procede de Deus, que ocupa o topo da escala (Jo 19.10,11).

A questão da autoridade envolve sempre princípio, disposição e atitude. Para compreendermos melhor estes pontos, vejamos alguns casos distintos:

- Em Is 14.12-15, vemos que Satanás adotou o princípio de rebeldia (querer ser igual a Deus). Uma disposição de desobediência (contrária à vontade de Deus) e uma atitude pecaminosa (mau uso do poder que recebera).
- Deus requer de seus servos submissão (princípio), obediência (disposição) e boas obras (atitude). Como veremos adiante, é possível que a ação seja positiva, mas se ela partir do princípio satânico da rebeldia, perde qualquer validade (I Sm 15.22,23).

Quando nos submetemos à autoridade, não estamos obedecendo propriamente à pessoa, mas ao princípio de Deus (Rm 13.5). Até os maus, se investidos de autoridade devem ser obedecidos, exceto naquilo que estiverem claramente contrários às leis de Deus, Suprema Autoridade (At 23.1-5; 4.18-20,31).

PRINCÍPIO X OBRAS

A unidade do corpo é mantida pelo princípio da autoridade. Qualquer coisa feita sem essa preocupação será sem sentido e, muitas vezes, pecado. Veja

o texto de I Sm 15.3,9,11,13-15,19-23. Saul fez algo que, se analisando isoladamente, foi bom, mas desobedeceu a Deus.

Veja também a história de Nadabe e Abiú (Lv 10.1-3). O capítulo 8 nos fala de Arão e seus filhos, juntos no serviço de Deus, e o capítulo 9 mostra a autoridade de Arão sobre eles, que lhe serviam de auxiliares. Nadabe e Abiú não se submeteram à autoridade de seu pai, eleito por Deus, e o ato de acender o fogo deixou de ser culto e tornou-se "fogo estranho" (iniciativa humana).

Por melhor que seja a obra realizada, ela só será aceita se houver o princípio de autoridade, pois quem age independentemente de Deus é sempre um rebelde, sem a idéia de corpo (I Co 12.12,14).

CRER E OBEDECER

O requisito para entrar no reino de Deus é a obediência (Rm 2.8; 6.16; II Ts 1.8; Hb 5.9; I Pe 1.22). Não só nossa conduta deve mudar (deixando o pecado), mas também nossos princípios (deixando a rebeldia). Quem não tem senso de autoridade não é apto para ser obreiro do Senhor.

A fé genuína só se manifesta através da obediência, e só é capaz de obedecer quem crê genuinamente. Veja como os capítulos 3 e 4 de Hebreus tratam o pecado do povo como incredulidade e desobediência, indistintamente.

Antes de ser implantado entre as nações, o Reino de Deus tem que ser implantado na Igreja, centrado em Cristo. Assim, o Senhor conferiu autoridade à Igreja (Mt 16.8-12; 18.18-20; Jo 20.21-23), com o fim específico de expandir na terra a realidade e a essência do Reino. Esta autoridade está condicionada à obediência daqueles que a receberam para este fim.

SINAIS DE OBEDIÊNCIA

São vários, mas eles se revelam principalmente em duas situações:

No sofrimento – Davi (II Sm 16.5-12); Jesus (Hb 5.8; I Pe 2.18-25).

No confronto com autoridades delegadas – Davi (II Sm 12.7-13 comparado com I Cm 24.5-8; 26.8-11); Jesus (Mt 22.15-22; 26.63,64; Jo 19.9-11).

Submissão é mais do que praticar atos de obediência (os rebeldes também os praticam); é sujeitar-se até mesmo a humilhações, sofrimentos e condições injustas, suportando tudo sem revides ou ameaças, e entregando-se ao Senhor, que julga retamente (I Pe 2.18-25). Pode haver submissão sem obediência (Jd 9).

O texto de Rm 13.7 exorta-nos a pagar a todos o que lhes é devido. Precisamos, então, descobrir o que se deve a cada autoridade (Mt 22.22), e qual o limite de esfera de autoridade de cada um. Não troque pagamentos!

AUTORIDADE NO MUNDO E NA IGREJA

Nenhum dos relacionamentos do mundo (governo e povo, pais e filhos, maridos e esposa) pode dar à autoridade sua expressão mais ampla. Há sempre a possibilidade de aparente subordinação sem sujeição de coração (Mt 21.28-31). Só o relacionamento entre Cristo e a Igreja pode expressar totalmente a autoridade e a obediência, a exemplo do que ocorre em nosso corpo (I Co 12.12-21).

A Igreja é a oportunidade não só para a comunhão entre os irmãos, mas também para a manifestação da autoridade. Assim como o corpo não está sujeito apenas à cabeça, mas aos diversos membros, os membros da Igreja estão sujeitos mutuamente uns aos outros, pois é impossível fazer um corpo completo a partir de cada membro isolado. As operações dos outros suprem nossas falhas.

Todo aquele que possui um talento possui um ministério, e todo aquele que possui um ministério possui autoridade. Quando nos sujeitamos, nosso fardo é distribuído entre todos (Gl 6.2).

ABUSO DE AUTORIDADE

O mais alto princípio na questão da autoridade relaciona-se ao fato de representação a Deus: toda autoridade delegada está sob autoridade e precisa aprender a submeter-se e a representar bem a Deus. Quando isto não ocorre, caracteriza-se o abuso de autoridade, e o ministério cessa (Nm 20.2-12, 23-28; Dt 32.48-52; 34.1-5).

REQUISITOS PARA RECEBER AUTORIDADE

Tiago e João, filhos de Zebedeu, desejavam ocupar uma posição de destaque no reino de Deus (Mc 10.35-45). Jesus respondeu-lhes com requisitos para que recebessem autoridade:

- Beber o cálice do Senhor (Lc 22.42) – No Getsêmani, Jesus mostrou absoluta submissão à vontade de Deus, fosse ela cruz ou não. Para nós, o importante não é o amor ao trabalho ou à cruz, mas à vontade de Deus.
- Receber o batismo do Senhor (Lc 12.50; Rm 6.3-6) – Batismo relaciona-se à morte que libera a vida, o quebrantamento do homem interior. O grão precisa primeiro morrer para germinar (Jo 12.24,25).
- É preciso ser servo (Jo 13.12-17) – Jesus conclui lembrando que em seu reino os grandes são os que servem. Não devemos ansiar por autoridade, mas por servir a Deus e aos santos.